



José Soares

Peixe do meu quintal

Uma esperança nebulosa

Em mais um marco do calendário que corre, indiferente, por entre os dedos do tempo, vamos todos entrar em 2023.

Oxalá a Humanidade pudesse exaltar com alegria solidária mais este novo ano e com ele, do progresso dos povos irmanasse a ideia de que o Homem é um fruto especial do Universo.

Oxalá todos pudéssemos comemorar com indelével positivismo, a alegria de viver no planeta que habitamos.

Oxalá a fome, o frio, as guerras, as misérias que transformam o conforto em inquietação, pudessem ser minimizadas entre os povos. Que todos compreendessem que só nos resta esta casa planetária.

Oxalá as crenças religiosas servissem para unificar as esperanças, num coletivo impulso de celebração da harmonia e da paz.

Utopias..., - dirão os cétricos que me leem.

Mas se isto são apenas utopias, quimeras ou sonhos, a anos-luz das realidades que vive o planeta, então tudo está bem como está! Tudo está FORMATADO para ser como é! Tudo é interpretado, é transformado e posto em prática pelo Universo, que num caos organizado, se encarrega de alterar e sustentar este planeta cansado, velho, infetado por vermes a que chamam Vida. E o seu fim está designado, como o de tantos outros planetas, cometas, estrelas e todas as massas que vagueiam no espaço:

Esfumar-se.

Se no meio de toda a diversidade de vida existente, coube aos humanos destruir, tanto a sua própria existência, como a de todo o reino animal e vegetal à sua volta, foi uma ótima partida a que o Universo nos pregou. Formatou-nos para uma autodestruição, desenfreada e sem retorno.

O planeta já parece um queijo suíço. Buracos gigantescos e subterrâneos, provocados pela extração de biliões de toneladas de combustíveis fósseis. A massa extraída deixa um vazio no seu lugar. Esses vazios enormes podem um dia provocar o enfraquecimento da crosta e engolir cidades inteiras.

Mas o que se extraiu, em gás ou petróleo, foi por sua vez lançado para a atmosfera. Respirámos e refazemos tudo de novo.

Do petróleo fazemos plástico com o qual infetamos os mares e provocamos o holocausto na vida marinha.

Sem tempo para parar e pensar na sua própria condição humana, continuamos nesta desenfreada corrida suicidária, nesta estrada de sentido único, rumo ao inevitável gran-final.

E na nossa pequenez universal, vamos esperar pela meia-noite de 31 de dezembro e lá, exteriorizar em cânticos e danças, a nossa incapacidade de acudir a nós próprios.

Rui Almeida, jornalista, apresentador de televisão

“Paulo Moniz; o melhor “activo” da política açoriana”

(continuação da página anterior)

Num quadro como o lançado à aprovação da ALRA há pouco mais de dois anos, importa a componente prática, de permanente negociação e equilíbrio interno, de capacidade de geração de pontes e pontos de contacto, de diplomacia no executivo e para fora dele.

E, neste particular, talvez mais ninguém, no atual quadro político-partidário açoriano, estivesse à altura de o conseguir, como José Manuel Bolieiro. A “diplomacia de filigrana” que o Presidente do Governo dos Açores tem revelado e aplicado (e que corresponde, de resto, às suas apetências e características pessoais) é a “arte escondida” que tem mantido a estabilidade a coligação. Artur Lima e Paulo Estevão não são personagens fáceis, têm uma clara agenda pessoal e política na região e, em muitas situações, são entraves fortes (também pela sua personalidade), a uma mais fácil e entendível articulação do tridente governamental. Bolieiro já cedeu várias vezes, mas em muitas outras foi forçado a “levantar a voz” e a mostrar a veia presidencial fundamental.

Com a aprovação do Plano e Orçamento para 2023, dissipam-se todas as dúvidas (porque este era o “timing” mais difícil a ultrapassar pelo executivo no parlamento): o atual Governo dos Açores seguirá até às “Regionais” de 2024, para espanto de alguns e irritação de outros tantos. Mas, segu-

ramente, numa demonstração de que, em política, ainda é mais-valia a capacidade de diálogo, de concertação, de articulação e de cedência.

Comunicação Social: 2023 decisivo para a RTP-Açores

A RTP-Açores é um pilar da autonomia regional. Assume um papel determinante na unificação territorial e tem trilhado um caminho nem sempre fácil de afirmação como a marca mais significativa na comunicação social açoriana.

O próximo ano é determinante para, em termos estratégicos, se perceber a verdadeira dimensão competitiva e o real posicionamento da rádio e da televisão regionais num espetro alargado ao digital e num meio que não vive apenas de câmaras, microfones, luzes e cursores. Vive, essencialmente, de pessoas. De Talento e de talentos.

A estação regional não pode continuar a ver migrar alguns dos seus principais nomes jovens ou menos jovens, sem corrigir a pecha nos recursos humanos. Terá, no próximo ano, de aumentar a sua capacidade de pressão e persuasão junto das instâncias centrais, sob pena de, a um imenso investimento em recursos físicos e técnicos, não corresponder a valorização humana dos seus quadros. Que passa, evidentemente, pela sua constante e crescente motivação.

Acresce um desafio enorme, que

apenas deve ser protagonizado por quem tenha experiência e vocação interna para o fazer: o de repensar a televisão e a rádio nos Açores. Quem a vê, quando o faz, com que motivações? Qual a estratégia de médio e longo prazo para a informação e a programação? Com que talentos? Como valorizar a marca, olhando para o todo mas, essencialmente, para as partes e para os pormenores? Como (continuar) a potenciar e a maximizar o digital, tão importante para a “décima ilha” dos Açores?...

Um desafio interessantíssimo, que o Diretor da estação nos Açores, Rui Goulart, tem competência para levar adiante. Mas ele próprio sabe que não o pode fazer sozinho e, às vezes, é importante (fundamental, mesmo), apostar nas companhias certas. Com a necessária tolerância para com uma estrutura que tem de se readaptar para os novos desafios, e com a inteligência emocional essencial para reconhecer que este é o momento para o fazer.

“Homem do Ano”: Paulo Moniz

Marca a agenda no exterior da região. Com a sua experiência e, essencialmente, com o reconhecimento do que é fundamental em cada momento, Paulo Moniz ganha posição de destaque entre o seu grupo parlamentar na Assembleia da República, seja em matérias autonómicas, seja na capacidade oratória e argumentativa.

Mas o deputado em questão eleva o debate político a uma dimensão ética a que poucos chegam: no modo como se exprime, na certeza e no estudo dos temas que aborda, na qualidade das intervenções e na defesa dos Açores e dos açorianos. Há uma linha que distingue a sua ação: a da cidadania e urbanidade, emparceirada com a segurança e o conhecimento.

Paulo Moniz estará na AR em 2023, mas é claramente o nome, nas hostes social-democratas, que emerge para outro tipo de missões. Muitos gostariam de o ver no Parlamento Europeu, como uma autorizada voz da região, tão debilitada na sua efetiva representação em Bruxelas e Estrasburgo. Mas uma importante franja coloca-o em primazia para cargos bem mais significativos intramuros. Em qualquer dos casos, o melhor “ativo” da política açoriana, com muito, ainda, para mostrar e lutar em defesa do seu arquipélago.

(Im)possível!...

Um abraço forte às leitoras e aos leitores do “Diário dos Açores”.

Um abraço de coragem, de resiliência, de capacidade de luta pelos objetivos individuais.

Olhar em frente e perceber que o impossível é apenas mais difícil, não é apenas uma ajuda para um melhor ano: é uma linha de rumo, uma luz no horizonte, um caminho certo para o futuro.